

[Descansos]
[Susana Amaro Velho]**[Susana Amaro Velho] Biografia:**

Susana Amaro Velho nasceu em Mafra em março de 1986. Estudou jornalismo, trabalhou como freelancer durante alguns anos e mais tarde concluiu a licenciatura em solicitadoria, onde viria a trabalhar na área da recuperação de crédito. Inventava histórias desde que se lembra, anda sempre com um caderninho e uma caneta, a leitura e a escrita são as suas grandes paixões. Editou o primeiro romance em 2017, *As últimas linhas destas mãos*. Em 2022, foi a primeira autora portuguesa a publicar pela chancela exclusiva de vozes femininas Aurora, com *Inquieta*, onde viria também a reeditar *Bairro das Cruzes*. Em coautoria, participou ainda no projeto *O Sono Delas*.

É viciada em salame de chocolate, não passa sem café e odeia azeitonas. Vive na paz da aldeia com o marido e os três filhos pequenos, fonte inesgotável de histórias felizes e muitas dores de cabeça. *Descansos* é o seu quarto romance.

Sinopse de [Descansos]

Laura Alarcão regressa à vila onde nasceu e cresceu para assistir ao funeral da mãe com quem não se relacionava há treze anos. Regressa a uma família devastada, ao escrutínio dos vizinhos que enfrentam os seus próprios fantasmas, a uma verdade dolorosa que a afastou da família durante anos: sente-se culpada pela morte da irmã mais nova que tragicamente caiu a um poço quando eram crianças.

Após anos de afastamento, e à medida que novas revelações contrariam tudo aquilo em que Laura sempre acreditou, relações familiares são postas à prova, numa jornada emocional e sombria onde a busca por respostas deixará um rasto de sacrifício.

Numa saga familiar profunda e comovente, Susana Amaro Velho convida o leitor a refletir sobre redenção e aceitação, sobre a vida enquanto coleção de eventos e conseqüências emocionais que se desdobram.

Descansos evoca a beleza dos laços que nos unem mesmo quando as maiores tragédias são capazes de nos devastar.

“Descansos” é o grande vencedor do Prémio NiT para Melhor Livro do ano

Numa categoria que contava com escritores como João Tordo e Valter Hugo Mãe, Susana Amaro Velho foi o grande destaque de 2024.

NiT | Texto Eduardo Oliveira 28/02/2025 às 14:08



Susana Amaro Velho foi o destaque de 2024.

Enquanto leitora, há temas que apelam naturalmente a Susana Amaro Velho: o trauma, a memória, a superação e o luto. Já há vários anos que sonhava em escrever um livro que se debruçasse sobre estes tópicos — e foi isso que fez em “Descansos”, publicado em setembro de 2024. “Abordo perdas familiares que impactam não só o seio da família, mas toda a comunidade”, descreve em conversa com a NiT.

A obra é resultado de um trabalho de dois anos. O processo foi difícil, mas os esforços foram recompensados: além de ter recebido elogios dos leitores, “Descansos” venceu o Prémio NiT de Melhor Livro. Numa categoria que contava com escritores como João Tordo e Valter Hugo Mãe, recebeu 30,43 por cento dos votos.

A narrativa centra-se em Laura Alarcão, que volta à vila onde cresceu para o funeral da mãe, após 13 anos afastada da terra. Este regresso obriga-a a confrontar memórias dolorosas, incluindo a morte trágica da irmã mais nova, Juca, um acontecimento pelo qual Laura sempre se culpou.

A história é enriquecida por múltiplas perspetivas dos habitantes da vila e oferece uma visão aprofundada das relações humanas e dos segredos que moldam a comunidade. O livro “convida

o leitor a refletir sobre redenção e aceitação, sobre a vida enquanto coleção de eventos e consequências emocionais que se desdobram”, lê-se na sinopse.

Susana Amaro Velho sempre gostou de “esmiuçar emoções” e descreve-se como uma pessoa muito observadora. “Muitas vezes dou por mim nesse exercício de empatia e perceber como é estar na pele de alguém. Perceber o que se passa na vida do outro gera uma onda de solidariedade”, explica à NiT.



Acredita que o sucesso do livro se deve graças às várias personagens que se cruzam com Laura. “Queria que os leitores se sentassem na praça e sentissem que fazem parte desta história. É por isso que lhes é tão querida.”

Muitos destes intervenientes foram ligeiramente inspirados em pessoas que a autora conheceu ao longo da vida. Tendo crescido numa localidade “que era uma aldeia” em Mafra, percebeu desde nova que os habitantes das localidades mais pequenas têm sempre histórias para contar. “São fontes inesgotáveis de sabedoria.” O Zé dos Caixões e a Lena Florista, por exemplo, são “ficção, mas têm um quê de verdade”. “Descansos” começou a ser escrito em setembro de 2022 e foi publicado dois anos depois. Durante este período, teve de “apagar e abandonar personagens”. “Deixei muitas de fora”, revela.

O próximo livro já está a ser criado, mas, por enquanto, encontra-se numa fase muito inicial — e deverá ser lançado no primeiro trimestre de 2026. “Enquanto estou na fase de edição final do anterior, começo sempre a estruturar o seguinte”, explica. O principal objetivo de Susana Amaro Velho é continuar a trabalhar e a levar “a literatura de boa qualidade” aos leitores. “O meu foco será sempre ler, escrever e trabalhar muito. É importante as mulheres terem peso e chegarem aos leitores. Tem sido um caminho longo, mas estamos a conseguir furar o sistema.” A obra pode ser comprada online e nas livrarias por 19,90€. Tem 432 páginas e foi publicado pela Casa de Letras, uma chancela da LeYa.

"Só vemos bem a vida quando chocamos com a tragédia. Acho isto triste"

A escritora Susana Amaro Velho é a convidada desta segunda-feira do Vozes ao Minuto.



© Célia Lopes

14/10/2024 por [Daniela Filipe](#) Cultura

17 de junho de 2017 foi, para muitos, um dia como todos os outros. Contudo, em Pedrógão Grande, no distrito de Leiria, tudo mudou. Pela primeira vez, os incêndios que destruíram meio milhão de casas e que resultaram em 66 mortos e mais de 250 feridos foram transpostos no livro de ficção 'Descansos', "para que nunca nos esqueçamos".

Mas o quarto livro de Susana Amaro Velho não é uma obra sobre o "[incêndio florestal mais mortífero de sempre em Portugal](#)". Na verdade, trata-se de uma narrativa em que, ao longo de quatro dias, "as pessoas estão a viver as suas vidas e, de repente, tudo o que conhecem muda". Isto porque, conforme confessou a autora ao **Notícias ao Minuto**, "só conseguimos esse impacto, essa noção de finitude, quando há um choque com a tragédia".

Além de ser um apelo para que "se valorize as relações humanas, aquilo que temos e que sejamos mais gratos enquanto cá estamos", 'Descansos' atua enquanto "uma metáfora da vida" que, na sua aleatoriedade, abala uma comunidade inteira. É que, como acontece frequentemente, "partimos e não temos tempo de deixar a casa arrumada".

O livro acaba por ser uma metáfora da vida. A vida e a natureza são incontornáveis e, portanto, é essencial que se valorize as relações humanas, aquilo que temos e que sejamos mais gratos enquanto cá estamos.

Como é que surgiu a ideia para esta obra?

Essencialmente, esta obra surgiu porque acredito que cada vez mais a sociedade está muito egoísta e autocentrada e é urgente passar uma mensagem de empatia, que se resignifique e que se reavaliem prioridades. Quis que este livro fizesse com que o leitor chocasse de frente com a aleatoriedade da vida, que fosse confrontado com a tragédia, com o que se atravessa e que não conseguimos controlar, para que,

de algum modo, se valorizasse o que é certo. É, portanto, uma mensagem de empatia; acredito que tenha sido esse o principal foco.

Quando diz "para que se valorizasse o que é certo" refere-se ao quê, concretamente? À morte? À vida?

Acho que é valorizar a vida, essencialmente. Costumo dizer que partimos e não temos tempo de deixar a casa arrumada; há situações que ficam por resolver, há frustrações que levamos connosco. O livro acaba por ser uma metáfora da vida. A vida e a natureza são incontornáveis e, portanto, é essencial que se valorize as relações humanas, aquilo que temos e que sejamos mais gratos enquanto cá estamos, porque muitas vezes vamos a correr atrás do prejuízo e pode ser tarde demais.

O luto está presente praticamente desde as primeiras páginas, com a morte de um personagem. Ainda assim, a família tenta 'esconder' a dor e o trauma, apesar das suas repercussões. Foi propositado?

Sim, porque li muito antes de começar a trabalhar estes temas. Uma das autoras com quem mais me identifiquei foi a Joan Didion, com 'O Ano do Pensamento Mágico' e 'Noites Azuis', que nos dá uma ideia de que o luto é uma travessia que não tem pressa. Acho que esta frase é fundamental, porque cada um de nós vai vivendo o luto e vai lidando com ele de maneiras diferentes. Enquanto existem pessoas que podem sentir culpa, que se podem sentir ameaçadas pela morte, com esta consciência de finitude, há outras que vão diluindo ao longo do tempo esta mágoa, guardam-na muito para cima, conversam sobre isso. Portanto, o livro tem várias abordagens até da própria forma como lidamos com o luto, porque não é uma coisa linear.

A vida, os seres humanos e as relações não são lineares, lidamos de formas diferentes com um mesmo acontecimento. O livro também é narrado a várias vezes precisamente para isto, para termos uma consciência de que a forma como eu encaro um acontecimento ou uma tragédia é diferente da forma como o meu pai, a minha mãe ou o vizinho a encaram. Daí que existam vários ângulos, para que se tenha esta noção de diversidade.

Há essa ideia de que o luto se vive mais para os outros do que para nós próprios, quando na realidade é um processo interno, cheio de contracurvas, cheio de desafios. É muito complicado lidar com isto, sobretudo se ao longo da vida não for abordado. Acho que ainda é um tema que muitas vezes é negligenciado e chutado para o canto, relativamente até às crianças, por exemplo.

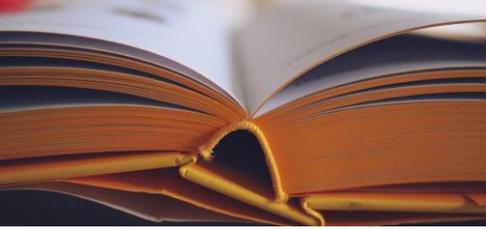
Tive de lidar com o luto muito nova. Tinha 17 anos quando perdi o meu avô, que era como um pai, e que morreu com 58 anos. Talvez com essa idade não tivesse consciência do quanto ele era novo, porque com 17 anos ainda achamos que a vida é infinita. Agora, olhando para trás, [entendo] que era muito cedo para se deixar a vida. Lidei com esta perda numa idade em que é muito complicado, porque não temos maturidade emocional para digerir determinados sentimentos, nomeadamente o luto. Não sabemos se devemos ou não voltar a falar na pessoa... Numa aldeia ou numa vida é mais complicado digerir, porque a pessoa quase que tem a obrigação de ir ao funeral, ao cemitério, vestir o preto – por isso é que também carreguei a minha personagem Luz com o preto, que não tira há 30 anos.

Tenho um projeto de um conto infantil que se chama 'O Senhor Luto', precisamente para explicar o luto às crianças. Acho que é fundamental que se desmistifique esta questão, porque todos nós vamos ter de passar por esta situação mais tarde ou mais cedo, de forma mais direta ou indireta.

Uma das coisas que tenho sentido é que os leitores se identificam. No meu outro livro, 'O Bairro das Cruzes', a Luísa também perdeu o avô, que era como um pai para ela, e houve muitos leitores que me abordaram e que me mandaram mensagens nesse sentido. Muitas vezes esquece-se essa questão e é inevitável.

Sim, e apesar de ser um tema abordado na arte como um todo, não é falado abertamente na sociedade.

Sim. Num dos capítulos do Fred, que é médico, fiz questão de [mencionar] a Associação Portuguesa de Cuidados Integrados no Luto e o apoio que dá a quem fica. Embora naquele contexto de aldeia, em que as pessoas usam os cartões para palitar os dentes, possa não ter muito impacto, a verdade é que, se for



divulgado e difundido, pode ser uma ótima ajuda, principalmente pela questão da identidade. É fundamental que as pessoas percebam que não estão sozinhas.

O que eu queria, desde sempre, era que o leitor começasse a ler este livro e que se sentisse sentado na praça, a ver as coisas a acontecer, como se fizesse parte daquele espaço e daquelas histórias. Acho que isso também só se consegue com um bocadinho de verdade e de realidade.

'Descansos' segue várias vozes, quase como um presságio de que a vida de toda a comunidade vai mudar. Baseou-se em histórias verídicas para construir a narrativa?

Acho que o autor coloca sempre um bocadinho dele e da sua realidade nas histórias que conta. Cresci numa vila pequena, onde toda a gente se conhece, portanto há muitos traços e características dessas personagens que são reais e que marcaram a minha infância. Há determinados apontamentos que alguém mais atento e que, se calhar, viva aqui, até poderá identificar. Por exemplo, o Tito Maluco é inspirado numa pessoa que era muito querida em Mafra e que tinha exatamente estas características; não todas, obviamente, mas era uma presença muito carismática que visitava os lares e os hospitais, que falava com toda a gente, que andava sempre com folhas nos bolsos.

Acabamos por inspirar-nos sempre naquilo que existe à nossa volta e acho que isso também dá beleza à narrativa, porque torna as personagens mais reais e mais nossas.

Mencionou, numa outra entrevista, que este "não é um livro sobre incêndios, é um livro onde os incêndios existem". Na verdade, e sem querer 'estragar' a obra para os leitores, a tragédia só ocorre no final. Pretendeu, dessa forma, dar mais destaque à vida das personagens?

Exatamente. Queria que a narrativa estivesse a acontecer, as personagens estivessem envolvidas nos seus dramas, nos seus dilemas, e que, subitamente, os incêndios acontecessem, que se atravessassem, que chocassem de frente com as personagens e com o leitor, para que existisse a sensação de imprevisibilidade, que faz com que o leitor tenha consciência desta finitude. Como disse há pouco, o livro é uma metáfora da vida, daquilo que não controlamos.

Só conseguimos esse impacto, essa noção de finitude, quando há um choque com a tragédia. Só encaramos e só vemos bem a vida quando chocamos com a tragédia. Acho isto triste. Um livro de Afonso Cruz diz que devíamos ter um despertador que nos alertasse para o fim da vida todos os dias, quase como se fosse uma rotina, para termos noção de que temos de viver, temos de aproveitar. Infelizmente, só vemos isto quando chocamos com a tragédia. Portanto, esta consciência da aleatoriedade só era possível se no final do livro existisse uma tragédia que abalasse uma comunidade inteira, como acontece na vida real. As pessoas estão a viver as suas vidas e, de repente, tudo o que conhecem muda.

A ideia de finitude e da aleatoriedade da vida está muito presente, mas o que é facto é que a comunidade tem tendência a esquecer as tragédias 'dos outros'. Quando falou com sobreviventes, qual foi a reação ao saberem que abordaria os incêndios no seu livro?

Senti que, no local, a ferida está muito aberta. Basta puxarmos um bocadinho o fio que desenrola-se imediatamente o novelo. As pessoas começam a contar, a falar do vizinho, do primo que estava lá, que passou por isso, que ficou com sequelas, com queimaduras, que escapou aqui ou ali. No resto do país, não. Situei a obra não no espaço, mas no tempo; nunca digo onde estou e só percebemos no final, mas tenho sempre as datas. Quando dei o livro a ler a algumas pessoas da minha confiança, ninguém associou sequer o 17 de junho de 2017 aos incêndios de Pedrógão Grande, porque as pessoas tendem muito a esquecer. Quando comecei a abordar sobreviventes e a dizer que traria isto para a ficção – que não era um livro sobre os incêndios, mas que evocaria os incêndios de Pedrógão – a reação foi igual em toda a gente: "Que bom, para que nunca nos esqueçamos." É importante esta consciência de que a tragédia se repete. Infelizmente, no caso dos incêndios vai-se repetindo ao longo do tempo e dos anos, e a prova disso é que ainda agora, em setembro, passámos novamente por esse flagelo.

Quando abordamos estas questões, quando trazemos estas situações a palco, acabamos por ressuscitar os mortos. O livro também acaba por ser uma homenagem a quem ficou naquela estrada e a quem perdeu a

vida em casa, porque tudo o que está naqueles capítulos é inspirado em factos reais. O carro dos bombeiros que ficou no cruzamento de Vilas de Pedro, a família que saiu, deixou a mesa posta e perdeu a vida na 'estrada da morte'... Todas essas histórias são inspiradas em coisas que realmente aconteceram naquele dia. Acho que também acaba por homenagear as vítimas e as famílias das vítimas. Tal como diz Joan Didion, às vezes temos de deixar os mortos irem e que sejam só fotografias em cima da mesa, mas é um processo muito complicado, lento, muito espinhoso, e trazê-los à vida é reconfortante.

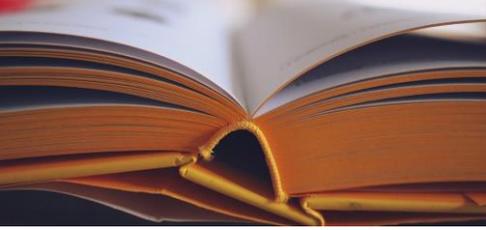
A própria Joan Didion arranca 'O Ano do Pensamento Mágico' com essa ideia de aleatoriedade, ao dizer que "sentas-te para jantar e a vida, como a conheces, termina".

Sim. É a consciência da finitude, que ninguém espera, mas que é real. Acho que vivemos numa sociedade em que criamos crianças de cristal, vivemos assoberbados pelo medo, e isso faz com que fiquemos limitados nas nossas ações, na forma como nos relacionamos com o outro. Se por um lado o medo nos protege, e até certa medida é bom e é positivo que exista, se o alargarmos de uma forma muito extensa deixamos de viver.

Não podemos estar sempre a proteger os nossos filhos, impedindo-os de errar, de correr, de se magoarem, de experimentarem coisas novas, mas fazer este balanço é muito difícil, porque temos sempre esta consciência de fim. O ideal é encontrar um equilíbrio e isso é o grande desafio da vida: conseguirmos aproveitar e ser gratos, porque tudo acaba de um momento para o outro, sem vivermos permanentemente em medo. Não quero que este livro fomente o medo.



© Célia Lopes

**Em relação às crianças, talvez até fosse mais fácil lidar com o luto se fosse um tema abordado logo desde tenra idade.**

É engraçado mencionar isso, porque tive muitas dúvidas se incluía ou não a Mimi, que é uma personagem com cinco anos, mas achei importante. Ela faz algumas questões pertinentes sobre a morte, sobre para onde é que vai a avó, [dá conta] da ideia de que quem morre vai para o céu...

Tenho um filho com seis anos e ele faz estas perguntas. Lembro-me de que quando morreu o Taylor Hawkins, o baterista dos Foo Fighters, ele perguntava para onde é que ele ia, se era alma a ir porque o corpo não voa, se podíamos mandar um balão para o céu quando ele fizesse anos. Tento sempre ser o mais verdadeira possível.

Às vezes, quando não sei imediatamente o que responder, digo-lhe: "Olha, filho, a mãe não sabe, a mãe vai estudar e depois explica-te." Há uns tempos, passámos por um cemitério e expliquei-lhe que é para onde vão os corpos das pessoas que morrem. Pode parecer um bocadinho agressivo dizer isto desta forma a uma criança, mas quanto mais cedo eles tiverem consciência de determinadas coisas, melhor estão preparados para a vida. Não podemos criar crianças em redomas de vidro e este esclarecimento é fundamental.

É por isso que a Mimi existe, para nos dar uma consciência diferente da personagem Ivone, porque a Ivone não tem voz, é algo um bocadinho dúbio. Conhecemo-la através de vários ângulos e quis que fosse assim, porque ninguém é linear; ninguém é sempre bom, nem é sempre mau. A Mimi também existe para que o leitor perceba e reflita sobre a necessidade de sermos mais verdadeiros com as crianças, porque as crianças são os futuros adultos e é importante que exista essa consciência de que a verdade é fundamental, sobretudo nestas questões da morte e do luto.

O luto passou de afetar uma família, no início, para atingir uma comunidade inteira. Numa sociedade que mostra aversão ao negativo, acabando por cair na teia na positividade tóxica, qual é a importância deste tipo de narrativas?

É um pouco tudo o que já falámos. Este é um livro sobre família, sobre a complexidade das relações familiares e das relações humanas. Aqui cabe tudo: cabe o trauma, cabe a perda, cabe esta noção de finitude. Quis que a narrativa se desenrolasse a várias vozes precisamente para termos vários ângulos, porque permite-nos avaliar o mesmo acontecimento e o seu impacto na comunidade inteira. Ninguém vive sozinho.

De onde surgiu o título 'Descansos'?

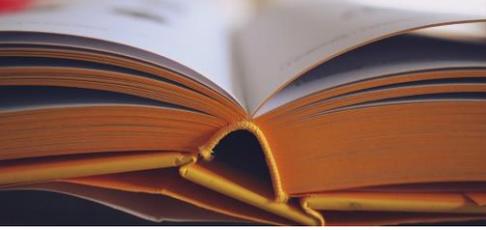
Trata-se de um conceito muito habitual no Novo México e na América do Sul e que designa as cruces que são encontradas à beira das estradas e que simbolizam os mortos e as homenagens às pessoas que morreram nas estradas. Num sentido mais metafórico e figurativo, os descansos são também as vezes que morreremos ao longo da vida, porque uma mulher, antes dos 20 anos, já morreu mais de 100 vezes. Isto é um conceito que está presente no livro 'Mulheres Que Correm com os Lobos', de Clarissa Pinkola Estés. Este livro é profundamente reflexivo, não é um livro que se leia de uma assentada.

Os descansos representam as perdas que tivemos ao longo do nosso caminho, estes momentos que nos marcaram – não só o luto, mas mudanças de rumo, uma profissão que deixamos para trás, um relacionamento que termina. São mudanças no nosso caminho que temos de ultrapassar, sepultar e sobreviver. É muito importante que exista a noção se os descansos estão esquecidos, estão ultrapassados, estão sepultados, ou ainda são lembrados e vivem connosco todos os dias.

Achei este conceito absolutamente fascinante e enquadrava-se muito bem com o percurso não só da protagonista, mas de todas as minhas personagens. E depois há a metáfora que só é descoberta no final, mas que é a grande mensagem do livro, que é o Tito ver num descanso um jardim. Ou seja, um descanso pode ser um jardim se a vida for vista com a ingenuidade dos tolos.

Mas considera que o luto pode ser enterrado?

Acho que não é o luto que é um descanso; a morte é um descanso. O luto acaba por ser um período em que ainda temos aquele descanso acordado, por assim dizer. Nunca esquecemos, obviamente, mas não



sofro hoje como sofri há 20 anos quando o meu avô partiu. Consigo falar disto com uma abertura total, consigo trazê-lo ao meu quotidiano através de exemplos, falando dele, mas sem a parte da dor. Essa parte foi sepultada.

Por exemplo, temos um relacionamento que dura 'x' anos e que termina; até achávamos que era o amor da nossa vida e deixou de ser. Parece-nos inconcebível naquele momento e achamos que nunca vamos ultrapassar a dor, mas esse descanso acaba por ser esquecido. O momento em si acaba por ser esquecido e fazemos as pazes com isso, sepultamos e sobrevivemos.

Que outros projetos tem em mãos neste momento?

Tenho sempre vários projetos ao mesmo tempo. Ando sempre com um caderninho e passo a vida a apontar ideias. Ainda há pouco tempo saiu um livro do Miguel Esteves Cardoso, o 'Como Escrever', e uma das dicas que ele dá é precisamente que apontemos tudo. Quando não tenho o caderno, tenho o telemóvel, que é um ótimo assistente. Há aquela pergunta que se faz muito a quem escreve, que é "o que é que te inspira?", e no meu caso são as relações humanas, são as pessoas, são as conversas que tenho no talho, no café, na fisioterapia. Há sempre sumo e bebo muito de tudo o que acontece à minha volta, por isso tenho sempre imensos apontamentos e projetos começados.

Quando sinto que as personagens começam a falar comigo, que se aproximam da realidade, que precisam de espaço, de crescer, que lhes dê força, casa e consistência, debruço-me a sério sobre o projeto e começo realmente a avançar. Nesta fase, estou já a escrever um próximo livro – ainda não sei para quando, nem se chegará a ser publicado, porque há sempre uma certa indefinição nesta fase – que também tem este espírito de comunidade, de entreajuda, de empatia. Desta vez terá um protagonista masculino, que é uma coisa que quero tentar, porque nunca fiz.

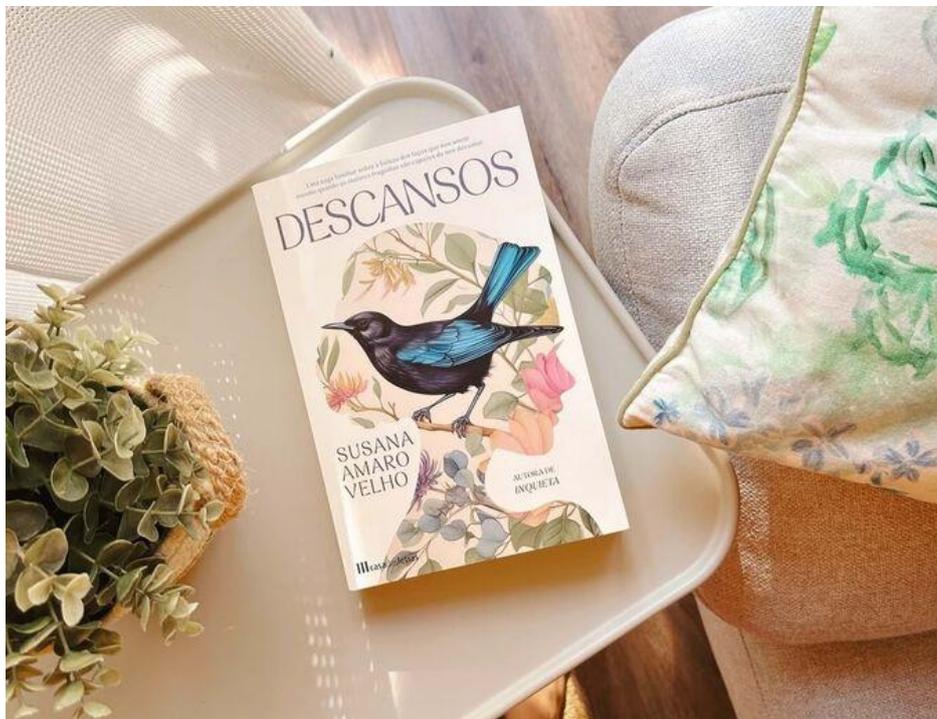
Pois, as suas obras anteriores têm todas protagonistas femininas.

Sim. Até aqui acho que não fez sentido [ter protagonistas masculinos]. Estive associada à Aurora Editora, uma chancela de vozes femininas com protagonistas femininas, que foi pioneira na literatura contemporânea feminina em Portugal, e fazia sentido que as protagonistas dos meus livros fossem vozes femininas, sendo eu também uma voz feminina. Embora o 'Descansos' já tenha algumas personagens masculinas que têm voz, quis centrar uma história na visão de um protagonista masculino. Vamos ver como é que corre e se fará sentido.

Este livro é um dos melhores romances que vão poder ler este ano! E é de uma autora portuguesa

Se ainda não conhecem, decorem o nome: Susana Amaro Velho. A escritora portuguesa acaba de lançar o seu novo livro 'Descansos' que, numa viagem maravilhosa ao Portugal rural, nos traz uma saga familiar cheia de personagens únicas que, cada uma à sua maneira, nos fazem pensar sobre temas como o luto, os laços de família e o peso dos azares que a vida distribui aleatoriamente...

FLASH! Rute Lourenço, 16 de outubro de 2024 às 23:10



Descansos, de Susana Amaro Velho

Em primeiro lugar, a ressalva: não sou das que apregoam que devemos dar primazia aos autores portugueses só porque partilhamos com eles esta coisa da portugalidade, até porque os livros são caros e há sempre um mundo de escolhas para fazer. É mais um e também, um, se puderem, leiam *também* autores portugueses, porque a verdade é que quando os livros são bons chegam a lugares cá dentro que dificilmente vozes mais distantes conseguiriam fazer.

Um bom exemplo: **o último livro da Susana Amaro Velho, 'Descansos'**. Já tinha lido duas histórias desta autora e as experiências positivas fizeram-me ir à terceira, esperando que fosse algo dentro do mesmo registo, mas na verdade superou todas as minhas expectativas.

Começamos pelo livro e por um breve resumo do que por lá acontece. A mãe de Laura morreu, o que a obriga a voltar à vila onde cresceu, e da qual se desenraizou há mais de uma década. Para trás, deixou toda uma série de acontecimentos de má memória, uma tragédia familiar que levou à morte da irmã mais nova e tudo aquilo que quem sai obrigada, à pressa, não tem tempo para resolver. O regresso obriga-a, por isso, a mexer em assuntos que queria encerrados, a enfrentar pessoas com as quais deixou todas as conversas a meio, a reatar laços de família que julgava para

sempre desfeitos e a enfrentar no fantasma da mãe tudo aquilo que não disse nem nunca chegou a saber.



Na prática, temos aqui duas personagens muito fortes: a Laura e a mãe, que já está morta, mas a parte mais interessante é que o livro não é um ping pong entre as duas mulheres. Vamos entrando no seu universo através dos muitos outros habitantes da vila que, além de nos contarem a sua própria história - todas com um propósito, todas marcam-nos mostram as diferentes perspetivas de Laura e Ivone, de como ninguém é só bom ou só mau, como um mesmo acontecimento pode ser visto por uma pessoa de uma forma e pela que está ao lado de outra.

E, acima de tudo, faz-nos mergulhar num universo que eu, particularmente, adoro, nas personagens que habitam o nosso Portugal rural, de como o tempo pára, muitas vezes, nas nossas vilas e aldeias, de como o luto é uma coisa que se tem de carregar, de fora para dentro, de como as mulheres, se não ousarem, se arriscam à vida do lava-seca e passa a ferro, dos laços que se criam na pacatez da vida, nos dias de ócio, mas em que há sempre tanto por e para fazer, e dos mexericos que circulam a uma velocidade contrária ao ritmo de vida das mais pequenas localidades. Tudo isto escrito de uma forma muito própria, que não pretende copiar nem ser igual a ninguém, que prende, que cativa, cada frase a honrar o nosso português, belo, mesmo num estilo que, por vezes pretenda soar a toco, a usar as expressões em que todos aqueles que cresceram longe das grandes cidades ou, de quando em quando, vão 'à terra', percebem, se reveem.

" — Ainda apanha os ovos diretamente do cu das galinhas? — perguntou Laura, entrando na cozinha cheia de um sol dourado que tornava amarelados os móveis.

Luz virou-se. Tinha tentado esquecer que Laura dormira ali, mas era impossível. A sua sagacidade continuava a mesma.

— E esfolo coelhos, se for dia de coelho à caçador.

— Ufa, assim fico mais descansada. Deus nos livre de ir ao talho"

'Descansos' traz-nos esse lado, por vezes quase cómico, da vida nas nossas aldeias, mas depois tem a profundidade que nos deixa a pensar em como as particularidades dos dias nos toldam, na aleatoriedade, em como se tivéssemos ido por ali tudo seria diferente. No 'e se, e se, e se', ao mesmo tempo que é um alerta para que vivamos no presente, não deixemos que a vida nos passe ao lado, porque quando esta vira já não vale a pena chorarmos sobre o leite derramado.

"Perceberia, da pior maneira possível, que ser feliz era apenas isso: existir na pequenez mundana dos dias, mesmo que todos eles lhe parecessem iguais"

O livro de Susana Amaro Velho faz-nos sentir o luto das perdas, mesmo que ainda não as tenhamos vivido, ir até esse lugar escuro que não justifica tudo, mas nos faz entender melhor o porquê de certas atitudes, de certas coisas, a constatação de como as feridas abertas nos podem levar a condições bem piores, se só lhes pusermos um penso, e refletir sobre os laços, familiares, de amizade e tudo aquilo que nos une e separa dos nossos.



Sabem quando acabam um livro, fecham a contracapa, mas não o pousam, em vez disso ficam a olhar para ele e pensar, em todas aquelas personagens que já são também um bocadinho vossas? Foi mais ou menos isso que senti.

Tenho a certeza que se houvesse um 'Deus dos livros', ele daria um empurrãozinho para que o novo romance da Susana Amaro Velho se tornasse no hype do momento. Não estando segura da sua existência, digo aqui que não se vão arrepender de o comprar: é seguramente um dos melhores romances que vão poder ler este ano.